

POÉTICAS DO COTIDIANO: EM BUSCA DE NOVAS RELAÇÕES E VIVÊNCIAS EM COMUNIDADES CARENTES

Prof^a Ms. Jacqueline Wildi Lins

Centro de Artes/Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Introdução

Como todo centro urbano, Florianópolis apresenta uma população periférica com altos índices de desemprego, violência, prostituição e uso de drogas. A comunidade carente Nova Esperança, parte dessa triste realidade, procurou a Universidade do estado de santa Catarina (UDESC) para descortinar alternativas que ajudassem a mitigar tais problemas.

O carro-chefe das ações concebidas em parceria respondeu ao desejo de proporcionar aos membros da comunidade momentos de trocas de experiências e encontros prazerosos, em que fossem minimizadas as adversidades que a falta de estímulos e a precariedade de um cotidiano periférico teimavam em reproduzir e em fazer crescer.

A valorização das manifestações locais, através de experiência artística promovida em oficinas monitoradas por alunos do Centro de Artes da UDESC, foi o suporte básico da iniciativa. Essa opção foi privilegiada por se acreditar nas múltiplas possibilidades que a vivência estética pode oferecer. Com efeito, através do estímulo à percepção e sensibilização contribui-se para “abrir o espírito” e para “enriquecer a experimentação do mundo”.

Mais do que isso, ver a arte como possibilidade de novas relações e vivências ajuda a responder, certamente, a parte dos problemas colocados pela dureza da vida em comunidades carentes. Assim, a iniciativa protagonizada é também uma forma de amalgamar ação política com promoção das sensibilidades estéticas. Numa palavra, configura realização que favorece o exercício da cidadania.

A Comunidade Nova esperança

“Assim, negligenciada em certas épocas a afetividade, parece em outras, voltar com força na vida social. Não é portanto frívolo prestar atenção a isso, muito pelo contrário.”
(MAFESOLI,1996,p.82)

A Comunidade Nova Esperança está situada no limite entre os Bairros Monte Cristo e Capoeiras, na porção continental de Florianópolis, na fronteira com o município de São José. É a segunda das três ocupações do Movimento Sem Teto (MST) em Florianópolis, que no momento do assentamento, em 1990, contava com 49 famílias, representando 221 pessoas entre adultos, jovens e crianças. Além representar uma das primeiras ocupações na cidade de Florianópolis, a Nova Esperança é uma das poucas em que, até os dias de hoje, praticamente as mesmas pessoas presentes desde o início da sua trajetória.

As famílias dessa comunidade, muitas oriundas do interior do Estado, já moravam em Florianópolis quando a ocupação ocorreu. Impossibilitadas de continuar pagando aluguel, incorporaram-se ao MST, um engajamento motivado não só pelo fato de famílias possuírem o desejo em comum de dispor de um teto, mas também por aspirarem à conquista de um espaço para moradia onde pudessem contar com a infra-estrutura necessária a uma vida digna: ruas calçadas, coleta de lixo, espaços para lazer, creches, escolas, posto de saúde etc.

Seis meses após o engajamento ao MST, o grupo decidiu ocupar um terreno no Bairro da *Coloninha*, de propriedade da Prefeitura Municipal de Florianópolis, onde montaram as suas barracas. No entanto, no dia seguinte à ocupação, as famílias foram expulsas pela polícia. Após esse incidente, os grupos do MST formaram comissões para discussões e negociações com a Prefeitura sobre o problema habitacional, e esta, sentindo-se pressionada, iniciou processo que deveria resultar no assentamento definitivo daquelas pessoas. Após meses de reuniões, mutirões e muito trabalho, foi inaugurado, em 28 de março de 1992, o Conjunto Residencial Nova Esperança.

Relações e Vivências

“A experiência estética é sempre mais do que estética”
(DEWEY, in Shusterman,1998,p.45)

Desdobramento de trabalhos realizados anteriormente, a pesquisa que embasou este artigo foi idealizada com o objetivo de instruir e estimular um processo, caracterizado pela reciprocidade de construção de conhecimento através da trocas de saberes entre Comunidade e Academia. Conforme já afirmado, buscou-se na vivência artística o suporte dessa parceria por se

acreditar nas inúmeras possibilidades que o prazer estético pode oferecer ao exercício pleno da cidadania. A iniciativa foi calcada no entendimento de que não existe oposição entre a Arte e a Vida, e foi com tal enfoque que o projeto foi desenvolvido naquela Comunidade, tendo em perspectiva a promoção de trocas, representando novas relações e vivências para as duas partes envolvidas.

O projeto teve início com oficinas semanais de cerâmica realizadas na própria Comunidade. Essa primeira etapa não aconteceu sem dificuldades. A primeira delas estava vinculada ao próprio ambiente físico de trabalho, pois a Comunidade não dispõe de um espaço de uso coletivo. Ela possuía uma Casa Comunitária nos seus primeiros anos, mas esta deixara de existir, já que tinha sido derrubada após disputas internas.

“Nos primeiros momentos da ocupação, a comunidade parecia amalgamar e igualar seus participantes(...). Com o passar dos anos, porém, as diferenças foram aparecendo, manifestando-se não raro como cisões, com fraturas. As discontinuidades da história de cada um – e da comunidade – foram se tornando explícitas, gritantes. (...) [T]er um teto era muito, mas não garantia sua participação cidadã em todos os espaços da cidade, menos ainda nas decisões de seus destinos.”(Dolzan,2000,p).

Se por um lado isso representou, em princípio, um entrave, por outro possibilitou grandes benefícios, pois as portas das casas dos moradores se abriram para a realização das atividades prazerosas e coletivas que as oficinas pretendiam oferecer. As oportunidades de encontros e de sociabilidade, proporcionadas pelo convívio nas casas dos moradores, reavivaram as lembranças das lutas coletivas e reacendeu a chama - então dormente- de uma nova esperança de reconstrução.

Nesse sentido, o “reencontro” que o projeto propiciou teve um significado muito mais profundo, pois o pensamento de reconstrução transcendeu, como segue ocorrendo, o problema do espaço físico. Não apenas as casas se abriram, mas também as pessoas ampliaram os seus olhares, permitindo-se a possibilidade de construir novas relações e vivências através do prazer. Aos poucos, grupos de trabalho foram se formando e também se transformando, adaptando-se às necessidades e anseios das famílias. Mas houve uma espécie de seleção natural. Ao longo do tempo os grupos diminuíram em número e em tamanho, permanecendo aqueles que realmente se identificaram com o projeto e que enxergaram na sua implantação possibilidades de construir um jeito estético de viver o pálido cotidiano. Inicialmente, esta possibilidade de encontro com um universo novo parecia ser possível só com o que estava sendo ofertado, que eram as oficinas de cerâmica. No entanto, logo ocorreu a percepção de que “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (Certeau, 2002, p.35). Surgiram possibilidades de novas atividades e, portanto, outras maneiras de se reinventar o cotidiano, florescendo e melhores formas de se relacionar com este.

Com o gradativo crescimento das atividades e dos participantes, outras dificuldades surgiram, entre elas a relativa aos materiais. De fato, tudo era muito precário, sendo que se levava a argila e poucos instrumentos de trabalho. Essas dificuldades desafiavam o projeto e impunham a urgência de encontrar soluções materiais, visto que reduzir o ritmo das descobertas era algo fora de questão. Como toda a dificuldade é promotora da criatividade, discutia-se o problema com os participantes e as soluções surgiam, com a criação de novos instrumentos.

Com a intensificação da convivência o projeto ganhou cada vez mais espaços nas casas e nas próprias vidas, o que permitiu conhecer mais de perto os anseios, as necessidades e os sonhos daquelas pessoas. Todos os encontros terminavam com uma boa conversa, ocasiões que, a rigor, revelavam-se os grandes momentos de aprendizado. Esse entrelaçamento de realidades tão distintas promovia crescimentos para todo os envolvidos. Assinalar a riqueza incrustada nessas oportunidades remete às seguintes palavras de Gaston Bachelard, 2000.

“A casa, como o fogo, como a água, nos permitirá evocar, na seqüência de nossa obra, luzes fugidias de devaneio que iluminam a síntese do imemorial com a lembrança. Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar. Ambas trabalham para seu aprofundamento mútuo. Ambas constituem, na ordem dos valores, uma união da lembrança com a imagem. Assim, a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas se interpenetram e guardam os tesouros das antigas moradas.” (p.25)

Poética e Cotidiano: algumas descobertas

“A vida, tal como a experimentamos na obra de arte, só é intensa e, por vezes, dolorosa, porque atinge, na realidade, a vida de uma profunda e terrível experiência. Sem essa experiência, a arte exprimiria apenas uma tendência a uma perfeição vazia.” (SPENCER, in Neto, 1988, p.37)

Uma figura proeminente do grupo de mulheres da comunidade envolvidas no projeto é a de Ana, alcoólatra, mulher maltratada pela vida e com uma sensibilidade estética muito intensa. Sua casa é sua obra de arte. Sempre que lá se chega depara-se com uma nova “decoreção”. É que nas mãos de Ana tudo se transforma: paredes decoradas com recortes de papel, lustres são feitos de penas lâmpadas de natal queimadas e garrafas de refrigerantes são transformadas em vasos, entre outras coisas.

Mas foi a cerâmica a grande descoberta de Ana, que já nos primeiros encontros produziu muito e com boa técnica. A produção iniciada não parou mais, pois queria aprender sempre, mostrando-se uma mulher em plena “reconstrução”. As mudanças na vida de Ana foram consideráveis:

“Tem feito uso do álcool cada vez com menor frequência. Já está tendo encomendas de peças de cerâmica, além de já ter possibilidade de começar a ensinar outras pessoas da comunidade que não participam das oficinas e manifestam desejos de ter uma iniciação” (AZIBEIRO e PERASSA,2002, p.4)

Em pouco tempo Ana já estava ousando fazer uma queima de argila em seu quintal. Passou a produzir intensamente e independentemente do grupo e, desejosa em aprender mais, começou a frequentar as aulas de cerâmica oferecidas regularmente no Centro de Artes da UDESC, Po integrante do quadro docente dessa instituição.

A experiência bem sucedida de Ana fez com que surgisse a idéia de levar todo o grupo ligado à cerâmica na Comunidade para o espaço de produção de cerâmica do CEART/UDESC. Imaginou-se que as visitas, freqüentes, possibilitariam ao grupo contatos com coisas nunca antes vividas ou experimentadas, o que poderia significar novas descobertas.

A partir de então, um sábado por mês, o grupo se deslocava para o CEART/UDESC. Foi uma troca muito rica e importante, pois possibilitou a participação nas atividades do projeto, além do grupo de trabalho da instituição que estava vinculado desde o início, de outros professores da área de cerâmica, que passaram muitas informações sobre técnicas e sobre conhecimento geral a respeito da cerâmica.

Esses encontros foram muito produtivos e revelaram diversos anseios. Conclui-se que a grande necessidade da comunidade era reencontrar-se, descobrir a beleza ali mesmo no seu universo, retomar alguns sonhos coletivos dos primeiros momentos que pudessem restabelecer os seus vínculos internos para além do problema referente às carências materiais.

Considerações Finais

“Criação é vivência que se cristaliza. É o viver, o viver intensamente no âmago das tempestuosas experiências íntimas, interiores; é o vibrar ante a realidade da condição humana, sentindo em sua própria carne as alegrias, tristezas, ódios, amores, bondades, maldades, justiça e injustiças que povoam o mundo(...); é a luta sangrenta pela conquista, no alumbrado aspecto da vida cotidiana, de um raio de luz que nos faça apreender o fulgente significado cósmico da efêmera existência humana...”(NETO Pentead,1988, p.37)

A arte pode ser vista como resposta para parte dos problemas colocados pelas adversidades da vida, já que esteve sempre impregnada de humanidade desde a sua gênese. De fato, a experiência estética parece possibilitar mudanças, pois,

“(...) como formulação visual da vida, abraça todas as suas facetas. Ela integra todos os campos do aprendizado, disciplina o olho e a mão, além do espírito. A arte é necessária em toda parte, na vida pública como na vida privada, do lar ao escritório público, da religião aos negócios.”(ALBERS in Morais, 1998, p.37).

A comunidade Nova Esperança certamente não passou, com a “interferência” no seu dia-a-dia representada pelo assinalado projeto, por mudanças estruturais significativas. Muitas pessoas continuam desempregadas, as drogas permanecem presentes, e ainda há disputas e desentendimentos. Esperar que uma iniciativa como a protagonizada pudesse representar o fim, ou mesmo algum grau de equacionamento, dessas mazelas seria prova de enorme ingenuidade, para dizer o mínimo.

No entanto, percebe-se que, de algum modo, o clima é outro. É como se o sonho voltasse a ter lugar no cotidiano sofrido daquelas pessoas. Com efeito, acredita-se que a vivência artística possibilitou o prazer da experiência estética e contribuiu na busca do reencontro de membros da comunidade consigo mesmo e com os outros.

Na sua essência, o trabalho desenvolvido na comunidade- que segue ocorrendo- possibilitou, através do contato com práticas em arte que estimulam o desenvolvimento do senso crítico e estético, que seus participantes refletissem sobre as suas próprias trajetórias de vida e de lutas. Para comunidades que vivem em “universos” de total carência, isto certamente representa um caminho de enriquecimento tanto no nível do conhecimento, quanto no da percepção sobre as possibilidades que cada um pode encontrar no seu cotidiano para viver melhor a ordem social e a violência das coisas. O mundo da arte parece mesmo fértil para avanços nesse terreno:

“A arte não seria uma tentativa de explicação do mundo, mas de assimilação de seu enigma. Se a ciência e a filosofia pretendem explicação do mundo, esse não é o propósito da música, da poesia ou da pintura. A arte, abrindo mão das explicações, nos induz ao convívio com o mundo inexplicado, transformando sua estranheza em fascínio.” (GULLAR, in Moraes, 1998, p.41)

Bibliografia

- AZIBEIRO, N., PERASSA, I. “O papel educativo dos movimentos sociais: a experiência da Nova Esperança”. Boletim do CAPROM, Florianópolis, maio de 1992.
- BACHELARD, G. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CERTEAU, M. A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2001.
- DOLZAN, J. Caminhos/Imaginários/Conquistas: o Movimento Sem Teto e a Comunidade Nova Esperança, 1990-2000. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em História/FAED., Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.
- MAFFESOLI, M. No Fundo das Aparências. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MORAIS, F. Arte é o Que Eu e Você Chamamos de Arte. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- NETO PENTEADO, O. As Três Faces da Arte. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- SHUSTERMAN, R. Vivendo a Arte: o Pensamento Pragmatista e a Estética Popular. São Paulo: Ed. 34, 1998